

“COSTURAÇÕES” DO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA PESQUISA-AÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL MARXISTA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS TRABALHADORES - EJAIT¹

*Julieta Borges Lemes Sobral (UnB)**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4544-9771>

*Renato Hilário dos Reis (UnB)***

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5046-2057>

RESUMO

Este artigo compartilha a práxis da pesquisa-ação histórico-cultural marxista vivenciada e construída há 34 anos por pesquisadores do Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Históricos Culturais – GENPEX, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, em articulação com o Movimento Popular do Paranoá-Itapoã. Apresenta o exercício da constituição desse método e metodologia que se realiza na Educação Popular e na Educação de Jovens e Adultos da rede pública de ensino do Distrito Federal. Com a pesquisa-ação histórico-cultural marxista reconhecemos nossa singularidade como universidade comprometida com transformações sociais, desvelando os desafios desse processo dialógico-dialético entre universidade, movimento popular e rede pública de ensino.

Palavras-chave: Educação popular; Pesquisa-ação marxista; Educação de Jovens e Adultos; Universidade.

1 Neste artigo opta-se pela terminologia Educação de Jovens, Adultos e Idosos Trabalhadores – EJAIT uma das defesas históricas do Grupo de Trabalho Pró-Alfabetização do Distrito Federal – GTPA/ Fórum de Educação Básica de Jovens e Adultos do Distrital – GTPA -Fórum EJA-DF. Assume-se com essa terminologia a presença de idosos na modalidade, bem como a de pessoas jovens, adultas e idosas que pertencem à classe trabalhadora.

* Doutora em Educação pela Universidade de Brasília-UnB (2015-2018). Realizei meu mestrado em Educação (2010 a 2012) e minha graduação em Pedagogia (2001 a 2005) também pela UnB. Desde agosto de 2001, faço parte do Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais - GENPEX/FE/UnB. E-mail: jujucampanha@gmail.com CV: <http://lattes.cnpq.br/8461328621705078>

** Possui Mestrado em Educação pela Universidade de Brasília (1988) e Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2000). Atualmente é Professor Associado III da Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Popular de Crianças, Jovens, Adultos e Idosos atuando principalmente nos seguintes eixos de pesquisa: educação/alfabetização de jovens e adultos, constituição do sujeito de amor, poder e saber, educação popular e relações sociais na perspectiva histórico-cultural. É membro pesquisador do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais-GENPEX. Coordena a pesquisa “A significações do Texto Coletivo no processo alfabetizador de jovens e adultos do Paranoá/Itapoã -UnB/CEDEP” a partir de 2013. CV: <http://lattes.cnpq.br/6144989852947068>. E-mail: hilarioreis@uol.com.br

ABSTRACT

“COSTURAÇÕES” OF THE PROCESS OF CONSTITUTING MARXIST HISTORICAL-CULTURAL ACTION RESEARCH IN THE CONTEXT OF EDUCATION FOR YOUNG, ADULT AND ELDERLY WORKERS – EJA/IT

This article shares Marxist historical-cultural action research praxis that has been experienced for 34 years by researchers from the Teaching-Research-Extension Group in Popular Education and Cultural Philosophical and Historical Studies (Genpex), from the Faculty of Education of the University of Brasília, in collaboration with the Paranoá-Itapoã Popular Movement. It presents the exercise of constituting this method and methodology that takes place in Popular Education and in the Youth and Adult Education in the public school system at the Federal District. Through Marxist historical-cultural action research we recognize our uniqueness as a university committed to social transformations, unveiling the challenges of this dialogical-dialectical process between university, popular movement and public school system. **Keywords:** Popular education; Action research; Marxism; Youth and Adult Education; University; Brazil.

RESUMEN:

“COSTURACIONES” DEL PROCESO DE CONSTITUCIÓN DE LA INVESTIGACIÓN-ACCIÓN HISTÓRICO-CULTURAL MARXISTA EN EL CONTEXTO DE LA EDUCACIÓN DE PERSONAS JÓVENES, ADULTAS Y MAYORES TRABAJADORAS - EJA/IT

Este artículo comparte la praxis de la investigación-acción histórico-cultural marxista vivida y construida hace 34 años por investigadores del Grupo Docencia-Investigación-Extensión en Educación Popular y Estudios Filosóficos e Históricos Culturales (GENPEX), en la Facultad de Educación de la Universidad de Brasilia, en articulación con el Movimiento Popular Paranoá-Itapoã. Se presenta el ejercicio de constituir este método y metodología que se realiza en la Educación Popular y en la Educación de Jóvenes y Adultos en el sistema de escuelas públicas del Distrito Federal. Con la investigación-acción histórico-cultural marxista, reconocemos nuestra singularidad como universidad comprometida con las transformaciones sociales, desvelando los desafíos de este proceso dialógico-dialéctico entre universidad, movimiento popular y sistema escolar público.

Keywords: Educación popular; Investigación-acción; Marxismo; Educación de jóvenes y adultos; Universidad; Brasil.

INTRODUÇÃO

A pesquisa-ação histórico-cultural marxista é o método utilizado por pesquisadores do Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – GENPEX/FE/UnB.

O GENPEX/FE/UnB é desdobramento histórico do trabalho que existe desde 1985² entre a Faculdade e o Movimento Popular do Paranoá-Itapoã. Um espaço fecundo que se desafia a articular o ensino, como forma “da comunhão, da comunicação, do aprendizado mútuo” (REIS, 2008, p. 6); a pesquisa como produção do conhecimento que se desafia a “superar as exigências da existência e da sobrevivência como base do tornar-se humano, assim como aconteceu com nossos ancestrais” (REIS, 2008, p. 6); e a extensão “como trabalho conjunto universidade-sociedade civil organizada [...] em que a universidade e a população se organizam política-epistemológica e pedagogicamente em função das necessidades e exigências de sobrevivência e existência [...]” (REIS, 2008, p. 6-7). Dessa Articulação ensino-pesquisa e extensão emerge o GENPEX/FE/UnB, o qual é formalizado em 2000 no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Com o propósito de superar a pesquisa apoiada na coleta e análise de dados, sem interferência na realidade, o grupo tem como eixo de interesse a pesquisa-ação como metodologia de investigação, no âmbito da graduação, mestrado e doutorado do Programa

de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Desde então, os aprovados na linha de pesquisa, coordenada pelo prof. Dr. Renato Hilário dos Reis, *Escola, Aprendizagem, Ação Pedagógica e Subjetividade na Educação*, têm desenvolvido seu projeto de investigação, a pesquisa-ação, no sentido de mudar a realidade existente da Educação de Jovens e Adultos.

Desde então, os(as) aprovados(as) na linha de pesquisa escola, aprendizagem, ação pedagógica e subjetividade na educação, têm desenvolvido seu projeto de investigação-ação ou pesquisa-ação, no sentido de transformar a realidade existente na educação de jovens, adultos e idosos.

Em 2015, por meio do edital de seleção de 2014, três projetos de doutorado foram selecionados para o eixo de interesse *Educação de Jovens e Adultos na perspectiva histórico-cultural* dessa linha de pesquisa, *Escola, Aprendizagem, Ação Pedagógica e Subjetividade na Educação*, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília. Nesse edital, na descrição do Eixo de Interesse, existe a indicação de que as investigações terão “como base os estudos na perspectiva histórico-cultural, norteando-se pelos parâmetros da pesquisa-ação”. Ao longo de quatro anos, essas três investigações enfrentaram tal desafio. Este artigo tem o intuito de compartilhar uma reflexão teórico-prática na caminhada da pesquisa-ação histórico-cultural marxista como método e metodologia na interpretação e transformação da realidade, tomando como base as pesquisas do grupo GENPEX/FE/UnB, particularmente no contexto da tese de doutorado *Dialogando vozes e sentidos da Educação Popular e da Educação de Jovens e Adultos na Rede Pública de ensino do Distrito Federal* (2018)³.

2 Esse projeto que nasce em 1985 tem como coordenadora a professora Marialice Pitaguari que permanece até 1989. Em 1989, assume professor Renato Hilário dos Reis que fica até 2016. Desde então, a coordenação do GENPEX/FE/UnB está com professora Maria Clarisse Vieira da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

3 A tese tem autoria da primeira autora e orientação do segundo autor.

BASES PRÁXICAS DA PESQUISA-AÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL MARXISTA

A perspectiva histórico-cultural marxista define o objeto de estudo e o conhecimento como próprio da construção que se realiza entre sujeitos, sendo a educação um processo constituinte da experiência humana, pois ela faz parte dos processos de socialização, de humanização e desumanização. Em suma, se o sujeito é constituído pela sociedade, ele ao mesmo tempo constitui essa mesma sociedade em que está sendo inserido.

As pesquisas-ação do grupo GENPEX se alicerçam nessa perspectiva histórico-cultural marxista, apoiada pela epistemologia de Marx e Engels que compreende que o conflito de contrários faz avançar a realidade numa resultante histórica de transformação progressiva acumulativa, constante, evolucionária, revolucionária e materialista histórico-dialético. Dessa forma, consideramos que nossa “mão” é produto e produtora da relação entre do ser humano com a natureza. Relação que denominamos: trabalho: “[...] Vemos, pois, que a mão não é apenas o órgão do trabalho; é também produto dele” (ENGELS, 1979, p. 217).

Trabalho compreendido como “necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza e, portanto, de manter a vida humana” (MARX, 1985, p. 208). Assim, pela necessidade de sobrevivência e existência, o ser humano, pelo trabalho, modifica a natureza. Dialeticamente, a natureza também o modifica. As condições de existência vão sendo produzidas e tornam-se também produtoras do ser humano. Um movimento de constituição humana que Vigotski analisa como o elemento chave do método dialético que se difere de

uma perspectiva de desenvolvimento naturalista:

O elemento-chave do nosso método [...] decorre diretamente do contraste estabelecido por Engels entre as abordagens naturalista e dialética para a compreensão da história humana. Segundo Engels, o naturalismo na análise histórica manifesta-se pela suposição de que somente a natureza afeta os seres humanos e de que somente as condições naturais são os determinantes do desenvolvimento histórico. A abordagem dialética, admitindo a influência da natureza sobre o homem, afirma que o homem, por sua vez, age sobre a natureza e cria, através das mudanças produzidas nela, novas condições naturais para a sua existência. Essa posição representa o elemento-chave de nossa abordagem do estudo e da interpretação das funções psicológicas superiores. (VIGOTSKI, 1996, p. 43)

A natureza nos constitui dialeticamente, não mecanicamente, e como assevera (VIGOTSKI, 2007, p. 393) “a dialética abarca a natureza, o pensamento, a história” e dessa forma, também atuamos sobre ela, transformando-a: “E quanto mais isso seja uma realidade, mais os homens[mulheres] sentirão e compreenderão sua unidade com a natureza, e mais inconcebível será essa ideia absurda e anti-natural da antítese entre o espírito e a matéria, o homem[mulher] e a natureza, a alma e o corpo” (ENGELS, 1979, p. 224). É nessa relação unitária e dialética ser humano-natureza, pelo trabalho, que nos constituímos humanas num (em)sendo constante. Produzimos e somos produzidas pelas condições de existência afetivas-amorosas, políticas, culturais, econômicas e científicas econômicas, políticas, culturais, afetivas, científicas.

Nessa linha de compreensão de desenvolvimento humano, nossas investigações se alicerçam na perspectiva de uma ciência que produz conhecimento, transformando a realidade ou as realidades.

Nossa mão é produto, mas também é produtora de algo. Com ela podemos fazer algo, fazemos ciência, fazemos história. Assim, concordamos com Vigotski, quando considera o “conhecimento científico como um tipo de trabalho”. Constitui um tipo de trabalho e, como todo trabalho, é, antes de mais nada, um processo entre o homem e a natureza. E, nesse processo, o próprio homem enfrenta a natureza enquanto força surgida de seu seio” (VIGOTSKI, 1996, p. 223). Uma ciência que é histórica, pois é “produto da atividade humana, não um dado puro da razão, nem a simples expressão da realidade natural das coisas. Como qualquer produção humana, a ciência está ligada às condições da sua produção” (PINO, 2000, p. 49).

Assumimos que nossa perspectiva de ciência está calcada em uma base material-histórica e dialética constituída sob a égide de um modo de produção específico, em que há o embate entre capital e trabalho. É deste confronto de classe que emerge o método de conhecimento das teses apresentadas: “[...] Pesquisar para resolver exigências de qualquer ordem e natureza, que se antepõem à minha existência e sobrevivência (situações-problemas-desafios) no cotidiano, contribuindo assim para o avanço da constituição humana do ser” (REIS, 2008, p. 12). Método compreendido como o objetivo, o caráter, a finalidade, a natureza da produção de conhecimento, como afirma Vigotski (1996, p. 283): “método de conhecimento, que determina o objetivo da pesquisa, o caráter e a natureza de uma ciência”.

O método da pesquisa-ação histórico-cultural com base marxista é compreendido como o objetivo, o caráter, a finalidade, a natureza da produção de conhecimento, como afirma Vigotski (1996, p. 283): “método de conhecimento, que determina o objetivo

da pesquisa, o caráter e a natureza de uma ciência”. A quem e para que fazemos ciência? Esta é uma pergunta relevante na pesquisa-ação histórico-cultural com base marxista. E a resposta não pode ser outra, senão esta: fazemos ciência para transformar realidades, apresentar soluções, exercitar soluções de situações-problemas-desafios⁴ que estão incomodando a comunidade da qual eu também sou parte.

Tal como Vigotski que se fundamenta em Marx e Engels, a nossa produção de conhecimento também percebe que os filósofos de sua época estão apenas interpretando o mundo, mas que o necessário é transformá-lo (MARX e ENGELS, 1998, p. 103-XI).

Marx e Engels, ao afirmarem essa tese, o fazem a partir da análise da sociedade alemã do século XIX, em que vigora dois tipos de pensamento. Um idealista, que estuda os conceitos e ideias, mas se abstém de investigá-los considerando as bases materiais de sua produção. Os filósofos idealistas analisam categorias como o trabalho de forma brilhante, mas não o fazem considerando o trabalho calcado nas condições materiais vividas nas relações de produção. E, outro grupo, os materialistas de Feuerbach, que, embora assumam o ser humano como fruto da natureza, ainda o fazem de uma forma naturalista e mecânica, sem considerar que o ser humano também atua nessa natureza, modificando-a e sendo modificado por ela.

Nossas investigações colocam-se, assim, como iniciativas individuais-coletiva, calcada em uma materialidade específica,

⁴ As situações-problemas-desafios são as necessidades econômicas, financeiras, sociais, culturais e afetivas que caracterizam o cotidiano/enfrentado pelos moradores de uma região, como decorrência da lógica excludente inerente à distribuição da riqueza nacional/mundial (REIS, 2011, p. 161).

e que tem uma opção de classe: a do trabalho, pelo trabalho. Com ela, nos dispomos a gerar transformações em nível micro (ontogenético-ser humano), que já são transformações nas relações macro (filogenético-espécie humana): “A história pessoal (desenvolvimento cultural), sem deixar de ser obra da pessoa singular, faz parte da história humana. A transformação que ocorre no plano ontogenético é um caso particular da que ocorre no plano filogenético.” (PINO, 2000, p.51)

Esse é nosso desafio como pesquisadoras e pesquisadores e, por isso, decidimos caminhar por meio da pesquisa-ação histórico-cultural de base marxista, por compreender que é a forma de fazer pesquisa que mais dialoga com a finalidade da ciência assumida: não apenas interpretar o mundo, mas transformá-lo. Utilizamos uma metodologia, compreendida como “procedimento técnico” (VIGOTSKI, 1996, p. 283), que procura, “imbricada na superação da situação-problema-desafio (objeto da pesquisa), rupturar com um caráter apenas diagnóstico-descritivo-explicativo da pesquisa” (REIS, 2008, p. 14).

A HISTORICIDADE DAS AÇÕES “DA PESQUISA-AÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL MARXISTA” NA EDUCAÇÃO POPULAR E NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO PARANOÁ-ITAPOÃ

O contexto da pesquisa-ação histórico-cultural marxista insere-se no contexto da articulação que existe há de 34 anos entre o Grupo de Ensino, Pesquisa, Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais – GENPEX da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília e o

Movimento Popular do Paranoá-Itapoã⁵.

Em 1985, o Movimento Popular do Paranoá-Itapoã procura a Faculdade de Educação - FE da Universidade de Brasília-UnB, na pessoa da professora Marialice Pitaguary, para as primeiras tratativas de uma parceria para construção de uma Educação de Jovens e Adultos que não somente ensinasse a leitura, a escrita e o cálculo, mas estivesse à serviço da melhoria das condições de vida da população do Paranoá e, hoje também do Itapoã.

Dessa articulação, constitui-se o *Projeto de Alfabetização e Formação em Processo de Alfabetizadores de Jovens e Adultos do Paranoá-Itapoã*. Segundo Reis (2000; 2011) essa ação conjunta GENPEX/FE/UnB e Movimento Popular do Paranoá tem como grande repercussão a constituição de um ser humano de amor-poder-saber. O ser de amor, como aquele que acolhe e é acolhido, que escuta, que olha, que chama pelo nome, que considera o outro, que conforta, que abraça; o ser de poder, como aquele que tem e exerce poder, que decide, que escolhe e busca superar as situações-problemas-desafios individuais e coletivas, que participa dos espaços deliberativos em sala de aula e na comunidade; o ser de saber, que possui e constrói conhecimento, construção do conhecimento que se consubstancia em um texto coletivo (oral e escrito), a sala de aula como espaço de troca de saberes, em que cada um contribui com o que é, o que sabe. Onde todos são, podem e sabem.

Nesse contexto de ação conjunta

5 Esclareço ao leitor que de 1985 a 2005 tínhamos a parceria apenas com o Movimento Popular do Paranoá. Em 2005, a população organizada do Itapoã faz articulação com o Movimento Popular do Paranoá, aqui representado pelo Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá – CEDEP, e, desde então, denominamos o Movimento Popular do Paranoá-Itapoã ou, apenas, com o Cedep.

GENPEX/FE/UnB e Movimento Popular do Paranoá-Itapoã, para delimitar o objeto dessa pesquisa-ação, realizamos em 2015, um encontro com integrantes do Movimento Popular do Paranoá-Itapoã. Participam desse encontro Maria de Lourdes Pereira dos Santos (Coordenadora da frente de Educação do Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá - CEDEP), Francinete Sousa da Silva (à época, Coordenadora de turmas da Educação Popular), Eliana Costa (Educadora Popular) e Leila Maria de Jesus (Presidente do CEDEP).

Como pesquisadoras e pesquisadores, colocamo-nos à disposição do Movimento Popular. Compartilhamos algumas ideias iniciais sobre a pesquisa, mas deixamos clara a abertura para aquilo que o coletivo do Movimento entende como necessidade. O grupo faz uma análise sobre a realidade do que estão vivendo:

[...] porque antes estava na 17 (quadra 17). Porque nós temos turmas na 14, na 17 e na 21, aqui no Paranoá. Aí todos esses alunos que estavam no DF Alfabetizado⁶ [Educação Popular] ao longo desses quatro anos formaram as turmas de EJA [em uma única escola classe da rede pública de ensino]. E esse último ano, todos esses alunos que completaram oito meses, eles foram encaminhados para a EJA. Então, eu quero ver quantos vão voltar. A gente não sabe quantos desses alunos que nós encaminhamos vão estar realmente lá na sala. E eles vão estar em uma escola só agora. (Fala de Lourdes, reunião coletiva realizada em 6 de março de 2015)

Compreende-se, a partir dessa situação, que o acompanhamento do educando e da educanda egressos da Educação Popular do Paranoá-Itapoã na Rede Pública é um desafio, um recorte relevante para contribuir

6 Importante esclarecer que em 2015 as turmas de alfabetização de jovens e adultos da Educação Popular estão com financiamento do programa governamental do DF Alfabetizado.

com a permanência e a continuidade de estudos dos educandos e educandas. A Escola Pública é um espaço de transição e encontro do educando e da educanda com uma nova organização político-pedagógica, que possui concepções, estruturas, horários, avaliações e educadores diferentes da experiência da Educação Popular. Assim, continuar o acompanhamento egressos do Movimento Popular na Rede Pública revela-se como uma necessidade premente.

Importante salientar que essa demanda do Movimento Popular estar na Escola Pública não é nova. É uma demanda histórica que aparece no relato de Maria de Lourdes Pereira dos Santos na tese de doutorado de Reis (2000). Maria de Lourdes nos conta que, no final da década de 1980, o Movimento Popular busca estabelecer uma parceria com a Rede Pública para Alfabetização de Jovens e Adultos: “Era um grande avanço. Já pensou? Ter pessoas da comunidade junto com professores da rede oficial e alunos da UnB fazendo essa discussão com os alfabetizados, que já estão inseridos na Rede Pública.” (REIS, 2011, p. 33).

Esse é o sonho do Movimento Popular do Paranoá, ou seja, estar na Rede Pública, contribuindo para a construção de uma proposta político-pedagógica que discuta e encaminhe as situações-problemas-desafios da comunidade. Maria de Lourdes destaca, porém, que na década de 1980 isso não se concretiza. Os professores da rede oficial se negam a fazer um trabalho que discuta os problemas da comunidade. Para Maria de Lourdes, isso ocorre porque os professores da rede oficial não são do Paranoá, não vivem na pele os problemas da comunidade. Dão suas aulas e voltam para suas casas. Não têm participação na vida da população local. Com isso, barreiras começam a surgir frente à proposta do Movi-

mento Popular. De barreiras em barreiras, chegam a um impasse:

Houve o impasse com os professores da rede oficial. Tivemos muitas discussões e eles não aceitaram muito bem a proposta. Depois de muita conversa, a gente viu que não ia dar certo. Resolvemos então deixar a estrutura que tínhamos montada de um trabalho todo diferente. (REIS, 2011, p. 33-34)

A partir desse impasse, um recuo tático. Recuo tático por compreender que o melhor a fazer é ir para espaços comunitários e desenvolver a proposta político-pedagógica do Movimento Popular. Nem sempre nos damos conta desse processo histórico e dialético, de avanços e recuos. Diante dos primeiros problemas e barreiras, desistimos. No caso do Paranoá, é um recuo; o sonho do Movimento Popular do Paranoá-Itapoã de estar na Rede Pública permanece até hoje.

Do sonho, emerge a principal situação-problema-desafio (REIS, 2000; 2011) desta perspectiva de investigação: contribuir para esse processo de aproximação da perspectiva de Educação Popular, historicamente construída pelo Movimento Popular do Paranoá-Itapoã e Universidade de Brasília, com a Educação de Jovens e Adultos da Rede Pública de ensino do Paranoá. Situação-problema-desafio os quais se referem às “necessidades econômicas, financeiras, sociais, culturais e afetivas que caracterizam o cotidiano vivido/enfrentado pelos moradores do Paranoá, como decorrência da lógica excludente inerente à distribuição da riqueza econômica e cultural produzida do modo de produção dominante no país” (REIS, 2011, p.161).

Como essa pesquisa-ação, que tem como principal referência o processo formativo na educação popular, pode dialogar com a formação dos jovens, adultos e idosos trabalhadores que estão na Rede Pública de ensino, mais especificamente, os educandos

e educandas do 1º Segmento⁷ (1ª a 4ª Etapas) do Ensino Fundamental da Educação de Jovens, Adultos e Idosos Trabalhadores - EJA/IT

Como dialogar com as vozes e sentidos da Educação Popular com as vozes e sentidos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos Trabalhadores da Rede Pública de ensino do Distrito Federal? Como continuar contribuindo com esse processo de resistência e teimosia esperançosa, estando processual-organicamente (REIS, 1996, p. 41) na Rede Pública?

Com essas indagações, buscamos analisar e contribuir para o processo de dialogia-dialética entre a Educação Popular, constituída historicamente entre a Universidade de Brasília, o Movimento Popular do Paranoá-Itapoã e a Educação de Jovens, Adultos e Idosos Trabalhadores de uma Escola Classe da Rede Pública de ensino do Paranoá-Distrito Federal.

A ESCUTA SENSÍVEL E A IMPLICAÇÃO NA REALIDADE COMPLEXA DO OBJETO: OS ESPAÇOS DA “PELEJA”

Destacam-se duas estratégias que são fundamentais na realização de uma pesquisa-ação histórico-cultural marxista: a escuta sensível e a implicação.

7 No Distrito Federal, a Educação de Jovens e Adultos utiliza a terminologia de Segmentos para distinguir as fases da Educação de Jovens e Adultos. O 1º segmento corresponde às 1ª a 4ª etapas do Ensino Fundamental. O 2º segmento, às 5ª a 8ª etapas do Ensino Fundamental. E, o 3º segmento, às 1ª a 3 etapas do Ensino Médio. Na EJA, cada etapa corresponde a um semestre letivo. Já o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP, instituição brasileira responsável pelo Censo Escolar, utiliza-se da terminologia Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Em relação à escuta sensível, Barbier nos convida a problematizar o termo “escuta”. Diferencia a escuta do ouvir. A escuta seria algo relacionado com a nossa capacidade de abertura ao totalmente outro: “[...] Devemos nos tornar receptivos ao outro e tentar estar “disponíveis” e “impressionáveis” pelas categorias do pensar, do fazer e do sentir que não estão em nossos hábitos.” (BARBIER, 1997, p. 19).

Inicialmente, em 2015, ao chegar à Rede Pública, imaginamos que a proposta é de levar algo a alguém, “implantar um projeto”. Com a caminhada, percebe-se que o aprendizado é mútuo. Nós também estamos sendo modificadas pela experiência da pesquisa, estamos totalmente envolvidas nesse processo. À medida que nos entregamos a essa experiência, algo nos atravessa, algo nos modifica e, hoje, nosso olhar já não é o mesmo.

Barbier nos diz que o ato de escutar o outro tem relação com a abertura da pesquisa a uma experiência e não a uma experimentação. O *experimental* seria aquilo que se relaciona com o teste de hipóteses e a *experiência* com a atitude que nos envolve por completo, não só “nossas faculdades lógicas e cognitivas, mas igualmente nossas faculdades de intuição e de imaginação ligadas ao reconhecimento pleno e inteiro de nossa sensorialidade” (BARBIER, 1997, p. 19). A experiência, também, tem a ver com uma exposição, uma travessia a um lugar indeterminado, um jogar-se buscando uma oportunidade, uma ocasião (ANGELIM, REIS e BRUZZI, 2012, p. 94-110). Experiência que perpassa o pelear que, para nós, é o próprio trabalho humano, como criação-criação da vida: “[...] Cum saber só de experiência feito [...] Não se aprende, Senhor, na fantasia, sonhando, imaginando ou estudando, senão vendo, tratando e pelejando” (ANGELIM, REIS e BRUZZI, 2012, p.94-110).

Certezas e incertezas, ordem e desordem fazem parte da caminhada. Assim, nossa inserção na realidade não se paralisa com as incertezas e as desordens, mas caminha com elas, buscando compreendê-las, superá-las, fazendo autoexames e autocríticas. Como um organismo vivo que, diferente de uma máquina artificial, não se paralisa frente a um desequilíbrio. Dialética viva e da vida enquanto totalidade. Se existe um problema, esse é para ser superado, ordem-desordem-ordem, garantindo-se assim a sobrevivência e a existência humana sobre a terra.

Os espaços de peleja dessa pesquisa-ação emergem a partir da nossa implicação histórica com o Projeto de Alfabetização e Formação em Processo de Alfabetizadores de Jovens e Adultos do Paranoá-Itapoã. Assumir a implicação nesse processo é desvelar que existe um “Engajamento pessoal e coletivo do pesquisador, [...] em função de sua história familiar e libidinal, de suas posições passada e atual nas relações de produção e de classes, [...]” (BARBIER, 2007, p. 101) e a produção de conhecimento é resultante desse processo, não tendo a pretensão de se assumir neutra. Assumimos que “eu implico o outro e sou implicado pelo outro na situação interativa” (BARBIER, 2007, p.101).

Identificamos cinco espaços de implicação que estão entrelaçados e constituem o que denominamos realidade complexa do objeto: os fóruns do Movimento Popular do Paranoá-Itapoã; a Escola Classe; as reuniões na Regional de Ensino do Paranoá-Itapoã; os encontros de ação-reflexão-ação do GENPEX/FE/UnB (os semanais com o coletivo de estudantes-pesquisadores da UnB e as orientações individuais e coletivas com o orientador) e, por fim, os silêncios e momentos de maturação das vivências. Com-

preendemos “realidade complexa” como aquilo

“[...] que está junto; [...] o tecido formado por diferentes fios que se transformaram numa só coisa. Isto é, tudo se entrecruza, tudo se entrelaça para formar a unidade da complexidade; porém a unidade do complexus não destrói a variedade e as diversidades complexas que o teceram [...]” (MORIN, 2008, p. 188).

Espaços interconectados e instigantes, que nos provocam a uma permanente ação-reflexão-ação. Ação-reflexão-ação que é práxis como também nos diz Gramsci:

[...] A experiência científica é a primeira célula do novo método de produção, da nova forma de união ativa entre o homem e a natureza. O cientista experimentador é um operário, não um puro pensador; e seu pensar é continuamente verificado pela prática e vice-versa, até que se forme a unidade perfeita de teoria e prática. (GRAMSCI, 1999, p. 166)

Uma resposta, um novo desafio da realidade, uma nova pergunta. Avanço, problema, não avanço, busca, solução, novo desafio. Continuidade-descontinuidade, avaliação, recomeço. Práxis que é movimento vital de uma produção de conhecimento que se propõe implicada em uma realidade e em permanente construção-elaboração prático-teórica.

Espaços interconectados em que se realizam os acordos de interesse que nos acompanham ao longo de toda a pesquisa. Os fóruns do Movimento Popular ocorrem às sextas-feiras, no período noturno. Participamos das atividades do Fórum do Movimento Popular, juntamente com demais estudantes-pesquisadores⁸ da Universidade de Bra-

8 Estudantes-pesquisadores da Universidade é a terminologia que utilizo para denominar graduandos, graduandas de Pedagogia e demais licenciaturas, pós-graduandos, pós-graduandas de mestrado e doutorado em Educação ou de outra área. Além desses, temos ainda os gradua-

sília. No caso das pesquisas, o Fórum é um lugar central para construir o diálogo entre os pesquisadores da UnB e o Movimento Popular, avaliando em que medida a investigação caminha aprofundando e contribuindo com a superação da situação-problema-desafio identificada.

No início da pesquisa aqui situada iniciou no primeiro semestre de 2015, perante a articulação interinstitucional entre Movimento Popular, Universidade e Rede Pública, chegamos à Escola Classe, nome que damos, mantendo o anonimato, à instituição de ensino que é *locus* central dessa pesquisa-ação. Em 2015, a nossa primeira “roda de diálogo” conta com a participação da Escola Classe, do Movimento Popular do Paranoá-Itapoã, do GENPEX/FE/UnB e do Departamento de Ciência da Computação da Universidade de Brasília. Nos anos subsequentes, 2016, 2017 e 2018, o Departamento de Ciência da Computação não participou. Roda de diálogo, roda de conversa, roda de costura são alguns dos termos que utilizamos para denominar o trabalho desenvolvido na Escola Classe como fruto da articulação Movimento Popular-Escola-Universidade.

A Escola Classe torna-se o espaço focal onde os principais acordos de interesse acontecem. As atividades na Escola ocorrem no período noturno, entre 19h e 22h, de segunda a sexta-feira. A cada semestre foram realizados encontros para estabelecer os combinados e os cronogramas de trabalho. A nossa participação no Projeto, coadunando com os objetivos da pesquisa-ação, busca ser um elemento-pretexto mobilizador das turmas de 1^a a 4^a etapas do 1^o Segmento da EJA, na perspectiva da proposta de Educação Popular desenvolvida há 30 anos, desde

dos, graduadas, mestres e doutores que, mesmo depois de concluído o curso, continuam no Genpex/FE/UnB.

1985/1986, pelo Movimento Popular Paranoá-Itapoã, em parceria com a Universidade de Brasília (REIS, 2011).

O terceiro espaço de implicação foi a articulação com a Regional de Ensino do Paranoá-Itapoã. No primeiro semestre de 2015, a Universidade foi convidada a participar de duas reuniões promovidas pela regional com o objetivo de discutir a Educação de Jovens, Adultos e Idosos Trabalhadores do Paranoá-Itapoã. No segundo semestre de 2017, o GENPEX, o Movimento Popular do Paranoá e a Coordenação Regional de Ensino do Paranoá-Itapoã estabelecem uma parceria para a oferta e realização de um curso docente intitulado *Formação Popular para a Educação de Jovens, Adultos e Idosos Trabalhadores* com de 60 horas, realizado de forma presencial no período de 17 de agosto a 07 de dezembro de 2017. Situar essa parceria é importante pois aponta para as diferentes vias de ação e participação.

O quarto espaço de implicação foram os encontros semanais do Grupo de Ensino, Pesquisa, Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais – GENPEX/FE/UnB que ocorrem uma vez por semana, quinta-feira, período noturno e as orientações individuais e coletivas das acadêmicas⁹ com o orientador das ações, o professor Dr. Renato Hilário dos Reis. Foi nesse espaço que nós, estudantes-pesquisadores, avaliamos e reorientamos a práxis desenvolvida junto com os sujeitos da pesquisa. Em geral, a dinâmica desses encontros segue a seguinte rotina: compartilhamos nossas vivências individuais, pontos positivos e desafiadores e, coletivamente, realizamos uma análise dos principais temas abordados e decidimos o planejamento da próxima semana.

9 Contavam, além da coautora deste artigo as colegas Nirce Barbosa Castro Ferreira e Márcia Castilho de Sales, também doutorandas à época.

Essas discussões possuem uma continuidade no caminho Paranoá-UnB, realizado no transporte institucional da UnB: uma Kombi (dependendo do quantitativo de pessoas, solicitamos um transporte com mais lugares, como um micro-ônibus ou ônibus), que desde 1986, leva e traz, de segunda a sexta-feira, os estudantes-pesquisadores da UnB ao Paranoá-Itapoã. No percurso de ida e volta, que dura de 30 a 50 minutos, realizamos avaliações e elaboramos estratégias para o trabalho, outro espaço de nossas reflexões. Todos esses espaços de troca, presenciais e virtuais, fortalecem o processo de constituição do pesquisador-coletivo: “O pesquisador-coletivo é um grupo-sujeito de pesquisa constituído por pesquisadores profissionais [...] e por membros, que gozam de todos os privilégios (mas particularmente implicados), da população vinculada à investigação participativa.” (BARBIER, 1997, p. 103)

Como pesquisadoras-coletiva nunca estivemos ou estamos sozinhas, fomos e somos um grupo. “Não há pesquisa-ação sem participação coletiva” (BARBIER, 2007, p. 70-71). Participação compreendida como fundamental no ato de conhecer “nada se pode conhecer do que nos interessa [...] sem que sejamos parte integrante, “actantes” na pesquisa, sem que estejamos verdadeiramente envolvidos pessoalmente pela experiência, na integralidade de nossa vida emocional, sensorial, imaginativa, racional” (BARBIER,, p. 70-71). E coletiva, porque “nada está previsto, assegurado, de antemão, exceto a aceitação rogeriana de uma crença (sempre submetida à dúvida metódica) em um desenvolvimento do ser humano, tanto no plano individual como no grupal” (BARBIER,, p. 71).

Como quinto espaço da pesquisa, destaco o momento da escrita. Reconheço aqui como um *lócus* importante de silêncios-fa-

lantes. Refúgio em que exercitamos o desafio da escrita, já anunciado por Eliane Brum¹⁰. Segundo essa jornalista e escritora, depois de uma escuta sensível que se realiza com todos os nossos sentidos, o desafio é “encontrar o texto que possa expressar essa realidade que pertence a um outro, mas que está atravessada pelo meu corpo.” (BRUM, 2015). Ainda, Eliane Brum diz que “costuma engravidar das histórias” e quando, finalmente, chega o momento da escrita, sente uma libertação, mas também uma exasperação

Assim também percebemos a escrita como um movimento de entrar em contato com a totalidade da realidade dinâmica dos sujeitos participantes: engravidar-se das histórias; escrevê-las como momentos de libertação e também de exasperação, consciente de que aquilo que nos escapa é também aquilo que nos motiva a continuar caminhando, de olhos, ouvidos, nariz, boca e coração abertos.

O REGISTRO DOS PROCESSOS VIVIDOS

Para realizar o registro dos processos vividos nessa pesquisa-ação, utilizamos como principal instrumento o *Diário de Itinerância* das pesquisadoras, que segundo Barbier (2007, p. 132) é um “[...] bloco de apontamento no qual cada um anota o que sente, o que pensa, o que medita, o que poetiza, o que retém de uma teoria, de uma conversa, o que constrói para dar sentido à sua vida [...]”.

10 Entrevista de Eliane Brum, em 03 de março de 2015, que é uma jornalista, escritora e documentarista brasileira. Formou-se pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 1988 e ganhou mais de 40 prêmios nacionais e internacionais de reportagem. Texto disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/10/cultura/1570717717_753040.html Acesso em 28 jan 2021

A escrita do diário é exigente. Primeiro, pela rotina de escrita quase diária, e, segundo, pela busca permanente de transformar vivências em palavras escritas. Como a escrita pode expressar a totalidade vivida? Procuramos desenvolver nessa investigação o que Barbier denomina de: “[...] entrar numa relação de totalidade com o outro tomado em sua existência dinâmica. [...] a audição, o tato, o gosto, a visão, o paladar, são desenvolvidos na escuta sensível.” (BARBIER, 2007, p. 98). Barbier ainda indica a elaboração de três Diários de Itinerância: o rascunho, o elaborado e o comentado (BARBIER, 2007, p. 138-142).

No caso dessa pesquisa-ação, identifica-se como *diário-rascunho* o manuscrito que fazemos em um bloco de anotações. Barbier descreve esse diário rascunho como “a parte mais íntima do diário de itinerância”, anotações e flashes de pensamento que me vêm no momento da experiência. O *diário-elaborado* é a escrita em que “eu estou em contato imaginário com um leitor virtual. Escrevemos para nós mesmos e para outrem”. Consideramos que esse texto, já mais elaborado, é produzido quando digitamos no computador o relato da semana, já pensando no nosso interlocutor, bem como na exposição do material. O *diário-comentado* é a socialização dessa escrita e escuta de seus comentários pelos partícipes da pesquisa. No caso da investigação, o diário-comentado produz-se tanto, nos encontros semanais do GENPEX/FE/UnB, nos Fóruns semanais do Movimento Popular do Paranoá-Itapoã, assim como nas mensagens compartilhadas por meio eletrônico. A partir dessa socialização, novas elaborações são realizadas, que significam o movimento de libertação-exasperação.

No segundo semestre de 2016, foi proposto ao grupo de estudantes-pesquisado-

res da UnB a elaboração de um Diário de Itinerância coletivo: “Nada impede evidentemente que o diário de itinerância se socialize ainda mais e se torne um diário de itinerância coletivo, isto é, redigido por um grupo ou subgrupo. [...] representa o caderno de inteligência do grupo em direção à realização de seus objetivos” (BARBIER, 2007, p. 143).

O primeiro exercício do GENPEX/FE/UnB de produção do Diário de Itinerância coletivo ocorreu em agosto de 2016. A proposta consistiu em realizar as relatorias coletivamente. Com a utilização do *Google Drive*, aplicativo da rede social Google, criou-se um documento de texto que é compartilhado e editado virtualmente por várias pessoas. Registramos diariamente a avaliação dos acontecimentos vividos. A proposta dessa escrita coletiva e diária é ter, ao final de cada semestre, uma base material do grupo, que já explicita as significações dos estudantes-pesquisadores da UnB do processo vivido. Base material que pode ser utilizada por todos os estudantes-pesquisadores em seus trabalhos finais de conclusão de curso, dissertações e teses. No período de 2015 a 2018, foram elaborados dois Diários de Itinerância coletivos, um, no segundo semestre de 2016 e, o outro, no primeiro semestre de 2017. A elaboração do diário coletivo constituiu um convite, não uma atividade obrigatória.

Como primeira base material, temos os Diários de Itinerância individuais que somam 524 páginas¹¹. Além dos Diários de Iti-

11 Os relatórios constituíram-se da seguinte forma durante os semestres: o primeiro semestre de 2015 (87 páginas); segundo semestre de 2015 (58 páginas); segundo semestre de 2016 (123 páginas); primeiro semestre de 2017 (130 páginas, volume 1 e volume 2); segundo semestre de 2017 (126 páginas). Os Diários de Itinerância coletivos são escritos em dois semestres, totalizando 86 páginas, sendo um Diário coletivo no

nerância individuais e coletivos foi aplicado, no segundo semestre de 2015, um questionário-diagnóstico que contribuiu para a construção do perfil dos sujeitos educandos e educandas que fazem parte do 1º Segmento¹² do Ensino Fundamental da EJA da Escola Classe. Esse questionário-diagnóstico de 2015 foi preenchido, como parte da roda de diálogo, pelos próprios educandos, no laboratório de informática, e contribuiu para caracterização dos sujeitos e o planejamento das atividades subsequentes. Cerca de 100 estudantes da EJAIT digitam esse diagnóstico.

Por fim, no segundo semestre de 2017, foram realizadas 11 (onze) entrevistas individuais e uma entrevista coletiva, totalizando 12 entrevistas, todas semiestruturadas, com algumas perguntas elaboradas e outras abertas, sempre procurando um tom de descontração e cumplicidade com o entrevistado e a entrevistada. Realizamos três entrevistas com educandos(as) da Rede Pública, quatro entrevistas com educadores(as) da Rede Pública, quatro com educadores(as) e dirigentes do Movimento Popular do Paranoá-Itapoã e uma entrevista coletiva com estudantes-pesquisadores da UnB. Participam da entrevista coletiva da UnB seis estudantes-pesquisadores, sendo dois da pós-graduação e quatro da graduação. Cada roteiro de entrevista tinha suas especificidades, mas procurou contemplar, em linhas

segundo de 2016 (40 páginas) e outro no primeiro de 2017 (46 páginas).

12 No Distrito Federal, o 1º Segmento do Ensino Fundamental da Educação de Jovens, Adultos e Idosos Trabalhadores é composto por quatro etapas, de 1ª a 4ª, e corresponde aos cinco primeiros anos do Ensino Fundamental Infantil; o 2º segmento do Ensino Fundamental da EJA também tem quatro etapas, de 5ª a 8ª; e, finalmente, o 3º Segmento corresponde ao Ensino Médio e tem três etapas, de 1ª a 3ª. Nos três Segmentos, cada etapa corresponde a um semestre letivo. ESTA NOTA DE RODAPÉ NÃO ESTÁ ACIMA?

gerais, a história de vida do sujeito, suas especificidades e sua significação da relação que ocorre desde 2015 entre Escola, Movimento Popular e Universidade.

Foram 11 entrevistas individuais e uma coletiva, acordadas e realizadas. As transcrições das entrevistas totalizam 327 páginas. Ao todo, somando as páginas dos Diários de Itinerância (524) e as entrevistas (327), tenho um total de 851 páginas em papel A4, digitadas, para análise. Essas 851 páginas desvelam nossa experiência, intenções, pretensões, resultados dos quatro anos de trabalho.

A ANÁLISE DA VIVÊNCIA COM A PESQUISA-AÇÃO

Para realizar a análise da travessia, destacamos quatro etapas que se entrelaçam e buscam aprofundar a análise das vivências com a pesquisa-ação histórico cultural marxista.

A primeira etapa da análise foi a vivência da experiência de 2015 a 2018. O mergulho no chão da pesquisa, no real-concreto-ocorrente, uma experiência que nos atravessa até hoje. Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 24) situa que os sujeitos atuais estão intensamente em busca de informação, opinião, cheios de vontade e hiperativos. São sujeitos que não podem parar, têm que consumir e transmitir informação, têm que opinar, sempre, de forma rápida. Esse processo, diz esse autor, é contrário ao do tempo da experiência: “A experiência, a possibilidade de que algo, nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm” (BONDÍA, 2002, p. 24).

Compreendemos o autor quando diz que viver esse percurso da experiência, das dúvidas e não respostas, é a grande oportunidade de viver uma pesquisa que nos atravessa, nos transforma, nos faz chegar mais embai-

xo ou mais em cima, mas na outra margem, na do (em) sendo humano: “É experiência aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação”. (BONDÍA, 2002, p.26)

Essa primeira etapa de mergulho no chão da pesquisa é acompanhada pelas leituras com fichamentos e escritas de informações do campo e os sujeitos envolvidos. Momentos umbilicalmente entrelaçados e que se inspiram mutuamente.

A palavra que tem carne, que tem vida, que está sempre grávida de sentidos. Palavra que é “germe da ciência e nesse sentido cabe dizer que no começo da ciência estava a palavra” (VIGOTSKI, 1996, p. 237). Palavra viva que tem significado, pois é pronunciada (seja de forma escrita ou oralizada) por sujeitos reais. Sobre isso, considero imprescindível trazer a ponderação que Angel Pino faz sobre *senal* e *signo*, ancorado em Vigotski e Bakhtin:

Diferentemente do simples *senal*, o *signo* tem a propriedade de ser *reversível*, ou seja, a de significar tanto para quem o recebe quanto para quem o emite [...] É por isso que a palavra dirigida ao outro produz efeito também naquele que a pronuncia. No mundo dos sinais não há reversibilidade, pois eles operam em um campo em que ainda não há consciência [...] No campo da linguagem, Bakhtin identifica o *senal* com a forma linguística e o *signo* com a sua significação num dado contexto enunciativo. Enquanto o sinal é simplesmente identificado, o signo tem de ser *decodificado* ou interpretado. [...] O signo, ao contrário, faz parte do mundo dos sujeitos, constituindo uma entidade móbil e variável em função do contexto enunciativo. “A palavra,” diz Bakhtin, “está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial (1988, p. 95)” (PINO, 2000, p. 59)

Larrosa Bondía (2002), Vigotski (1996), Pino (2002) e Bakhtin (2010) sublinham essa vitalidade da palavra que é pronunciada em um dado contexto. Ela é móvel, cheia de sentidos. Ela transforma quem a emite e quem a escuta. A palavra grávida de significado, precisa ser decodificada, interpretada, desvelada. Para isso, realiza-se o que consideramos a *segunda etapa da análise*: a revisão e interpretação das palavras escritas. No primeiro semestre de 2018, revisito o material coletado e revivo os acontecimentos de 2015 a 2017. É um semestre de imersão e de uma solidão povoada de pessoas, seres humanos, que estão conversando, dialogando com as/os pesquisadoras/es.

Nessa *segunda etapa*, decidimos realizar, inicialmente, um fichamento de cada diário de itinerância e de cada entrevista. Esse fichamento consiste em apropriar daquilo que mais diretamente contribui com as respostas dessa investigação. Lemos e destacamos os registros, falas, acontecimentos que considero centrais. Transferimos esses destaques para um arquivo próprio e conversamos com os autores da caminhada. Os fichamentos dos Diários de Itinerância são organizados em três colunas: uma com o texto original selecionado do Diário; outra com a data do ocorrido e a página; e, por fim, a última coluna com uma análise interpretativa, já dialogando com os autores que caminham junto. No caso das entrevistas, utilizamos apenas duas colunas; uma com o depoimento do sujeito e outra interpretativa, conversando com os autores. Material fichado, que é um refinamento em busca das nossas respostas aos objetivos das pesquisas em andamento.

Caminhamos para *nossa terceira etapa da análise*, relemos cada fichamento e realizamos agrupamentos temáticos pela recorrência da situação. Continuamos, nessa

fase, a fazer as interpretações e aprofundamentos da palavra. Palavra que é para nós o coroamento de uma ação, traz à tona um microcosmo da consciência humana:

[...] nossos marxistas afirmam com razão que cada coisa pode ser considerada como um microcosmo, como um modelo global, em que se reflete todo mundo. Baseando-se nisto, dizem que investigar até o fundo, esgotar uma coisa qualquer, um objeto, um fenômeno significa conhecer o mundo inteiro em todas as suas conexões. Nesse sentido, podemos dizer que cada pessoa é em maior ou menor grau o modelo da sociedade, ou melhor, da classe a que pertence, já que nela se reflete a totalidade das relações sociais [...] nessa colocação o conhecimento do singular é chave de toda a psicologia social; de modo que devemos conquistar para a psicologia, o direito de considerar o singular, o indivíduo, como um microcosmo, como um tipo, como um exemplo, ou modelo de sociedade. (VIGOTSKI, 1996, p. 368)

A palavra investigada até o fundo revela o mundo inteiro. Visualizamos, com isso, diante de inúmeros “nós”. “Nós” utilizados em múltiplos sentidos, como: confronto, disputa, elo, coletivo, situação-problema-desafio (REIS, 2000; 2011), drama:

A novidade está em que essa condição que o signo torna possível faz da pessoa, ao mesmo tempo, o cenário interior do drama das relações sociais e a consciência do drama que tem lugar nesse cenário onde ela desempenha múltiplos papéis diferentes e, frequentemente, conflituosos. “A dinâmica da personalidade é drama”, diz Vigotski, mas “um drama é sempre um confronto de conexões” (dever e afeto, paixão e controle, amor e ódio, confiança e ciúme etc.), “não pode ser diferente, ou seja, é um confronto de sistemas”. (PINO, 2000, p.75)

“Nós” que desvelam os dramas da pesquisa. Dramas que nos constituem humanos. A dinâmica da personalidade é drama. E o que

é a personalidade para nós? É “o conjunto das relações sociais encarnadas no indivíduo” (VIGOTSKI, 2000, p. 33). E que relações são essas? Para nós, relações sociais de classe. Relações sociais em que estão em disputa capital e trabalho: “atrás do poder psicológico da palavra sobre as funções psicológicas está o poder real do chefe e do subordinado. A relação das funções psicológicas é geneticamente correlacionada com as relações reais entre as pessoas: regulação pela palavra, conduta verbalizada = poder – subordinação” (VIGOTSKI, 2000, p. 25).

Experiência. Palavra. Microcosmo da consciência humana. Drama. Relações sociais de embate de classe. Enredada nesses momentos, pergunto-me como desvelá-los para o leitor? Nossa quarta etapa da análise. Encontramos em Nilma Lacerda uma saída: “É, assim. Muito jeito. A linha, entrando na agulha, o resto é fácil. Basta estar atenta e saber que um ponto puxa o outro, que puxa o outro, que puxa o outro, que puxa” (LACERDA, 1985, p. 9). Nessa fase, costuramos os agrupamentos do texto, buscando desvelar para o leitor as respostas como movimento e acontecimento da pesquisa-ação. Aprendemos com Nilma Lacerda que um ponto puxa outro que puxa outro: “minha palavra é um ato, e este só vive no acontecimento singular e único da existência; é por isso que nenhum ato pode dar acabamento à própria vida, pois ele a vincula à infinitude aberta do acontecimento da existência” (BAKHTIN, 2010, p. 132).

OS RESULTADOS

Como resultante da análise teórico-prática, elaboramos o que denominamos de três “costurações”, nome utilizado para os resultados dessa pesquisa-ação histórico-cultural marxista. Na Costuração 1, revisitamos as histórias da Educação de Jovens, Adultos

e Idosos Trabalhadores e da Educação Popular, problematizando os pontos de cruzamento e não cruzamento desses campos ao longo da História da Educação Brasileira. Na Costuração 2, investigamos os trabalhos do GENPEX/FE/UnB que registram com mais intencionalidade as vozes e sentidos que têm se constituído, ao longo desses 30 anos, a partir da parceria Movimento Popular do Paranoá-Itapoã e Universidade de Brasília. Por fim, na Costuração 3, mergulhamos na experiência na Escola Classe, buscas do diálogo-dialético entre a Educação Popular e a Educação de Jovens e Adultos, em que atravessamos e somos atravessadas pelo outro. Os acontecimentos escolhidos dão um acabamento completo/incompleto são os nós atados-desatados que descobrimos e nos movem nessa pesquisa-ação e constituem o que denomino de dialogia-dialética (SOBRAL, 2018).

Dialogia-dialética da Educação Popular com a Educação de Jovens e Adultos que é uma conquista que não está dada a priori, é algo a ser construído com o tempo e com muito trabalho. Dialogia-dialética que implica o desarme interior para se colocar em relação com o outro. Desarme que não significa negar a si ou negar os confrontos e embates, mas reconhecer que eu só sou na relação com o outro: “*A eficácia do acontecimento não está na fusão de todos em um todo, mas na tensão da minha distância e da minha imiscibilidade, no uso do privilégio do meu lugar único fora dos outros indivíduos*” (BAKHTIN, 2010, p. 80, grifo meu). Dialogia-dialética que se dá em uma relação tensa, mas fundamentalmente de acolhida e afirmação minha e do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, na caminhada histórica com o Movimento Popular do Paranoá-Itapoã,

sentimos que muitas são as possibilidades de investigação-contribuição. O tecido é grande, extenso; o que devemos investigar? Procuramos o Movimento Popular para saber qual o recorte que nos cabe fazer. Da conversa com as lideranças e educadoras populares, compreendemos que, em 2015, algo está em relevo: o sonho histórico do Movimento Popular inserir-se na Rede Pública e acompanhar os educandos e educandas egressas. Assim, emerge o objetivo geral dessa pesquisa-ação histórico-cultural marxista: analisar e contribuir com o processo de dialogia-dialética entre a Educação Popular, constituída historicamente entre a Universidade de Brasília e o Movimento Popular do Paranoá-Itapoã, e a Educação de Jovens, Adultos e Idosos Trabalhadores de uma Escola Classe da Rede Pública de Ensino do Paranoá-Distrito Federal.

Até então, as atividades do GENPEX/FE/UnB têm como centralidade o trabalho junto ao Movimento Popular, acompanhando as turmas de alfabetização popular, contribuindo com a formação inicial e continuada dos alfabetizadores e avaliando a repercussão desses processos na vida dos sujeitos envolvidos, que são os(as) educandos(as), educadores e estudantes-pesquisadores da UnB. Em 2015, nos desafiamos a um passo novo. Um passo somente possível, porque temos pessoas e uma história de 34 anos nos amparando. Pela pesquisa-ação histórico-cultural marxista busca registrar esse passo inédito, sonhado e histórico, o pensar a pesquisa com base nessa perspectiva. Nosso desafio é realizar o diálogo-dialético, reciprocamente transformador, entre a Educação Popular e a Educação de Jovens, Adultos e Idosos trabalhadores.

Recortado o tecido, nos perguntamos: como costurá-lo? Colocando a linha na agulha, percebemos nossas mãos. Mãos que

hoje possuem a capacidade magnífica de realizar esse movimento tão delicado de colocar uma linha em uma agulha. Capacidade ancestralmente constituída pelo trabalho. Nossas mãos como produto e produtoras do trabalho humano. Trabalho humano que é “condição básica e fundamental de toda a vida humana” (ENGELS, 1979, p. 215). Ao fazê-lo, transformamos e somos transformadas. Essa é a finalidade, o método, da ciência que nos dispomos a realizar, “não só interpretar, mas transformar o mundo” (MARX e ENGELS, 1998, p. 103-XI).

Coerente com essa finalidade, decidimos caminhar por meio da metodologia da pesquisa-ação histórico-cultural marxista, por compreender que é a metodologia que mais nos oferece os meios, os procedimentos finalísticos-metodológicos e alcancemos nossos objetivos técnicos. No GENPEX/FE/UnB, nossa pesquisa-ação tem uma singularidade, um jeito “meu-nosso” de estar-olhar-investigar-contribuir com o mundo, que tem sido denominado de pesquisa-ação histórico-cultural marxista. Com ela, reconhecemos nossa singularidade como universidade. Inserimos na comunidade, tomando parte dos processos. Construimos superações e transformações das condições de vida da classe mais excluída. Movimento de ação-reflexão-ação permanente em que transformamos e somos transformadas, como população organizada, escola pública e universidade.

REFERÊNCIAS

ANGELIM, Maria Luiza Pereira Pinho; BRUZZI, Rita Carolina Vereza; REIS, Renato Hilário dos. Implicações da pesquisa ação no PROEJA. In: **Proeja-transiarte: construindo novos sentidos para a educação de jovens e adultos trabalhadores**. Renato Hilário dos Reis; Remi Castioni; Lúcio Teles (Orgs). Brasília: Verbena, 2012.

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: Editora Wmf Martins Fontes, 2010.
- BARBIER, René. **Abordagem transversal: a es-cuta sensível em ciências humanas. Textos escolhidos**. (Trad. Rogério de Andrade Córdova, do original “*L’approche transversale: l’écoute sensible em sciences humaines*”). Paris: Anthropos, 1997.
- BARBIER, René. **A Pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, 2007.
- BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: Jan/Fev/Mar/Abr 2002 n^o 19
- ENGELS, Friedrich. **A Dialética da Natureza**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GENPEX, **As Significações do Texto Coletivo no Processo Alfabetizador de Jovens e Adultos do Paranoá e Itapoã UnB/Cedep**, Brasília, Editora da UnB, 2021.
- GRAMSCI, Antônio. **1891-1937 Cadernos do cárcere, volume 1**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- JESUS, Leila Maria de. A repercussão da atuação de educadores/as populares do CEDEP/UnB na Escola Pública do Paranoá-DF. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Brasília: 2007.
- JUSTO. Dayane Magalhães Martins. **O uso do computador na EJA como potencializador do processo de alfabetização e letramento no contexto do projeto de inclusão digital do Genpex**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Brasília: 2017.
- LACERDA, Nilma Gonçalves. **Manual de Tapeçaria**. Rio de Janeiro: Philobiblion Fundação Rio, 1985
- MARX, Karl; ENGELS, Friderich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fonte, 1998.
- MARX, Karl. **O Capital. Crítica da Economia Política**. Livro 1 –O Processo de Produção do Capital. Volume 1. 10^a Edição. DIFEL Difusão Editorial S.A., 1985.
- MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- PINO, Angel. O social e o cultural na obra de Vigostki. In: **Educação & Sociedade**. Revista Quadrimestral De Ciência Da Educação. Centro De Estudos Educação E Sociedade (Cedes). n 71 – 2000 – 2^a ed. Campinas: Cedes, 2000 –45-78.
- REIS, Renato Hilário dos. **A extensão universitária na relação universidade – população: a contribuição do Campus Avançado do Médio Araguaia – Programa Integrado de Saúde Comunitária**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Brasília: 1988.
- Reis, Renato Hilário dos. Histórico, tipologias e proposições sobre extensão universitária no Brasil. **Linhas Críticas**, 2(2), 41-47. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/2610/2331> Acesso em: 20 jan. 2021.
- REIS, Renato Hilário dos. **A constituição do sujeito político, epistemológico e amoroso na alfabetização de jovens e adultos**. Tese de Doutorado em Educação – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas. Campinas: 2000.
- REIS, Renato Hilário dos. Democratizando a ciência: um novo paradigma da extensão. **Revista Participação**. Dex UnB, ano 8, n^o 14, p. 10-15, dez/2008.
- REIS, Renato Hilário dos. **A constituição do ser humano: amor-poder-saber na educação/alfabetização de jovens e adultos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.
- SOBRAL, Julieta Borges Lemes. **Dialogando vozes e sentidos da Educação Popular e da Educação de Jovens e Adultos na Rede Pública de ensino do Distrito Federal**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Brasília-DF, 2018.
- VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Teoria e Método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- VIGOTSKI, Lev Semionovitch - Psicologia concreta do homem. **Educação & Sociedade**: Revista Quadrimestral de Ciência da Educação,

“Costurações” do processo de constituição da pesquisa-ação histórico-cultural marxista no contexto da Educação de Jovens, Adultos e Idosos Trabalhadores – EJAIT

Campinas, n. 71, p. 21-44, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a02v2171.pdf> Acesso em: 10 jan. 2021.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Lev S. Vigostki: Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**. Revista Quadrimestral de Ciência da Educação.

Centro de Estudos Educação e Sociedade (Cedes). n 71 – 2000 – 2^a ed. Campinas:Cedes, 2000 – **VXXII F. IX**. <https://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a02v2171.pdf> Acesso em: 10 jan. 2021.

Recebido em: 08/02/2021
Aprovado em: 23/02/2021